



A face de Eva (ou o feminino primordial) em um conto de Eça de Queirós

Eve's face (or a primordial feminine) in the story by Eça de Queirós

Fabio Mario da Silva¹

À queirosiana Ana Luísa Vilela, por sua competência e rigor acadêmico e pela afabilidade com que trata seus alunos

Resumo: Este artigo apresenta algumas considerações em torno da figura de Eva no conto “Adão e Eva no paraíso” de Eça de Queirós, buscando compreender os aspectos de construção de uma face feminina primitiva e observando como Eça (des)constrói esta personagem bíblica de maneira arguta e socialmente crítica.

Palavras-chave: Eva, personagem feminina, Eça de Queirós.

Abstract: Abstract: This paper presents some considerations around the Eve figure in the story “Adam and Eve in paradise”; by Eca de Queiros, trying to understand the aspects of building a primitive female face, watching as Eça (de)constructs this biblical character shrewd and critical way .

Keywords: Eva , female character , Eça de Queirós.

Desde algumas décadas, os estudos sobre as mulheres e a representação feminina na literatura portuguesa vêm despertando o interesse da crítica acadêmica, mesmo que tardiamente, se compararmos com o contexto anglo-saxônico. Eça de Queirós é um desses autores portugueses em cuja produção literária nos deparamos com importantes e complexas personagens femininas, as quais têm despertado o interesse da crítica,² seja pela figuração e dimensão psicológica a elas atribuídas, seja pelas intrigas construídas à volta dessas mulheres no desenvolvimento das tramas narrativas. Justamente a esse propósito, há um conto de Eça, intitulado “Adão e Eva no paraíso”, no qual a figura central para o mundo judaico-cristão, Eva, é apresentada como um perfil feminino originário da cultura ocidental, demarcando não apenas a percepção primordial dum narrador irônico e sarcástico que desconstrói a narrativa bíblica da origem da

¹ É Professor Adjunto I de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará/ Instituto São Félix do Xingu, pós-doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, com bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). É Doutor em Literatura e mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora (Portugal), e pesquisador do CLEPUL (Centro de Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

² Conferir, por exemplo, o trabalho de DANTAS, Francisco. **A mulher no romance de Eça de Queiroz**. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

humanidade, mas também a visão, cremos, de como o próprio Eça percepcionava o entendimento de um feminino primitivo e evolutivo.

Contudo, antes de analisarmos a função de Eva no conto queirosiano, lembremos que, na história bíblica do livro *Gênesis*, o mito de Adão e Eva revela como a mulher surgiu para *auxiliar* o homem e como essa mulher, que servirá de companhia à figura masculina, é induzida, no jardim do Éden, por uma serpente, a comer do fruto proibido, atiçando a curiosidade do homem e fazendo-o comê-lo também. A ingenuidade ou a cobiça para a realização do desejo, e a soberba de igualização a Deus, fez com que mulher e homem pecassem; porém, atentemos a que, “apesar de ter sido Eva a primeira a desobedecer, é a Adão a quem Deus pede primeiro a justificação, naturalmente porque era considerado o principal responsável pela desobediência. É ainda sobre Adão que recai a grande maldição” (ABREU, 2007, p. 66). Ora, a tradição instituiu em Eva a culpa por ter induzido o homem a pecar, retirando da figura masculina o ônus do pecado. Dessa forma, se estabeleceu um discurso doutrinário sobre Eva, criada com o propósito de se unir ao homem e se tornar a mesma carne, porque dele advém. Eva é, pois, uma figura submissa, característica que, de acordo com as narrativas bíblicas, será igualmente representada através de outras personagens femininas.

“Adão e Eva no paraíso”, publicado inicialmente em 1897 no *Almanaque Enciclopédico*, está dividido em três partes e começa de maneira insólita (visto referenciar datas exatas³ dos acontecimentos descritos no livro *Gênesis*), narrando a vida animalésca, primeva e inocente de um caminhante, Adão, e de sua companheira, Eva, que surge apenas no final da segunda parte da estória. Inicialmente, o conto pretende apresentar algumas diferenças entre Adão, ao afirmar, por exemplo, que não era belo, e Eva, que se distinguia por ser “moça, formosa e preferida de Deus” (QUEIRÓS, 2002, p. 222).⁴ O primeiro contato entre o casal ocorre de maneira inusitada, após uma longa e

³ Carla Santos refere que este recurso narrativo da datação teria uma função irônica: “a introdução das datas e das horas leva a situação a um excesso de exactidão que não é possível existir. É precisamente por inserir, apenas, estes números incómodos no seio de frases tão evocativas e tão semelhantes às tradicionais, pelo seu tom, pelo seu ritmo, pela sua imitação do discurso litúrgico, que a Ironia brota fortíssima” (SANTOS, 1997, p. 538). Lembremos que a datação é referida pelo ilustre Usseus, bispo de Meath e arcebispo de Armagh que escreveu a obra *Annales Veteris et Novis Testamenti*, personagem que terá sido de facto real, como assim explica Ugo Serani: “O nobre Usseus, este é o nome latinizado do irlandês James Ussher, indica como o dia da criação o 23 de Outubro e determina também o ano deste início do mundo: 4004 antes de Cristo. Consequentemente, a aparição na Terra do primeiro homem seria do dia 28 de Outubro (sexto dia da criação). E Eça, depois de ter atribuído esta datação a Ussher, acrescenta que tudo isto aconteceu às duas da tarde” (SERANI, 2000, p. 877).

⁴ Todas as citações do conto “Adão e Eva no paraíso” fazem parte da edição dos contos de Eça organizada por Luiz Fagundes Duarte, em 2002, pela Dom Quixote, e por isso tomaremos a liberdade, nas próximas citações, de apenas referenciar as páginas do conto na aludida edição.

sossegada noite de sono de Adão que, quando acorda, se depara com a figura de Eva, encontro esse descrito da seguinte forma:

E, oh maravilha! Diante de Adão, e como despegado dele, estava outro Ser a ele semelhante, mas mais esbelto, suavemente coberto de um pêlo mais sedoso, que o contemplava com largos olhos lustrosos e líquidos. [...] E roçando, num roçar lento, num roçar muito doce, os joelhos pelados, todo aquele sedoso e tenro Ser se ofertava com uma submissão pasmada e lasciva. Era Eva... Eras tu, Mãe venerável. (p. 238)

Eva é apresentada através de uma postura sedutora, de oferta, enquanto elemento passivo para o bel-prazer da figura masculina, cumprindo a função de auxiliar, e que será conduzida por Adão a experimentar novas sensações e aventuras como, por exemplo, a descoberta do prazer da carne, visto ambos serem herbívoros inatos. Apesar de ser descrita, inicialmente, quase como um fantoche, o narrador faz questão de acentuar que Eva é “nossa mãe forte” (p. 241). Depois de Adão ter, acidentalmente, descoberto o fogo e de o casal fixar moradia numa caverna, começa-se a descrever as tarefas do lar – através do contato de Eva com o fogo – como virtude feminina, por um narrador heterodiegético que pensa por estes seres os quais ainda se encontram numa fase muito animalisca para emitirem qualquer conjectura ou julgamento mais aprimorado dos seus atos:

A nossa mãe venerável pertence então, na caverna, a doce e augusta tarefa do lume. Ela o cria, ela o nutre, ela o defende, ela o pergunta. E, como mãe deslumbrada, descobre a cada dia, nesse resplandecente filho dos seus cuidados, uma virtude ou graça nova. (p. 248)

O narrador, então, interpreta os atos do casal emitindo opiniões e julgamentos, demonstrando, na maioria das vezes, muitas contradições,⁵ baseadas, por exemplo, em uma visão conservadora dos papéis de gênero, que será desfeita no desenrolar do conto,

⁵ Segundo Maria do Carmo Sequeira é nessa “oposição irônica de registos discursivos e recuperação jocosa de conhecimentos que a matéria da criação é recuperada por Eça, afastando-se dos mitos conhecidos da criação, para entrar numa construção muito moldada pela sua particular fantasia.” (2002,p.311)

e em uma visão crítica e sarcástica, constituindo-se, o conto, por diversos elementos que alteram a construção do mito original, o que fez Marie-Hélène Piwnik compreender este conto a partir do seguinte viés:

Évocation ludique, parfois fantasmagorique, des premiers hommes sur la terre dont les implications religieuses et philosophiques sont pourtant évidentes, et qui propose en outre du couple génésiaque, alors même qu'une large place est laissée à l'imagination la plus débridée, une image que l'on peut qualifier de réaliste, et en tout cas contraire à toute la tradition iconographique idéalisante de sa représentation. (PIWNIK, 1997, p. 420)

Ou seja, Eça constrói um discurso que abeira o fantástico-religioso, quase sempre tendencioso, ao desconstruir aquilo que afirma, por isso Carla Machado dos Santos compreende, baseada nesse jogo interpretativo, que “Eça finge dar credibilidade à Bíblia e desacredita Darwin, sempre através duma encenação, duma farsa” (SANTOS, 1997, p. 539). Outro aspecto relevante na construção psicológica de Eva é a atribuição, por excelência, de poderes ocultos, místicos e sobrenaturais:

Nossa Mãe, com aquela adivinhação superior que mais tarde a tornou profética e sibila, não hesitou, quando a Serpente lhe disse, coleando entre as rosas: – “Come do fruto do Saber, que os teus olhos se abrirão, e serás como os Deuses sabedores!” Adão teria comido a serpente, bocado mais suculento. (p. 249)

Adão não acredita na comunicabilidade com o divino através do fruto do conhecimento – seria muito primitivo para o contato com esse lado sagrado apresentado pela serpente –, daí o insólito momento do devorar a cobra, não para saciar a fome de conhecimento, mas a carnal, que confere um cariz cômico ao episódio, presente, na verdade, em todo o conto: “O texto é saturado de espectacularidade, produzindo um efeito de magia verbal, com destaque para o grotesco, a farsa, a cena surrealizada que provoca o riso” (MELLO, 2000, p. 429). Porém, a atitude de Eva difere devido à “credulidade sublime que sempre no mundo opera as transformações sublimes, comeu logo a maçã, e a casca, e a sevide” (p. 249), persuadindo Adão a partilhar do “transcendente pomo” e o

convencendo das vantagens de se obter a sabedoria.⁶ Essa associação da mulher com o divino, bem como as forças ocultas e o sobrenatural - elementos que trariam a consciência de uma outra realidade (conhecimento) ao humano –, constituem-se quase como que uma afirmação de uma cultura matriarcal (apesar de inicialmente a estória aparentar ser contada pelo viés patriarcal de uma dominação masculina, a de Adão sobre Eva) que se instaura com seu poder perante o homem, mas no campo do misticismo. Contudo, Simone de Beauvoir defende que este fator positivo em relação a um feminino primitivo e místico de domínio, e posteriormente de uma possível passagem do matriarcado para o patriarcado, representou a grande derrota histórica do sexo feminino, pois esse feminino estaria além do meio social e não representaria a mulher humana:

Dizer que a mulher era o *Outro* equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade: terra, mãe, deusa, não era ela para o homem um semelhante: era *além* do reino humano que o seu domínio se afirmava; estava portanto *fora* desse reino. A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens (BEAUVOIR, 2008, p. 110).

Todavia, Eça tenta valorizar a imagem de Eva através duma mudança abrupta de caracterização da personagem que não está expressa no texto bíblico. Eva não é condenada pelo narrador;⁷ pelo contrário, suas atitudes são o primeiro ato do elo humano (e feminino) de Deus, bem como de todas as imperfeições desta religião:

Esta alegoria dos poetas do Génesis, que esplêndida subtileza nos revela a imensa obra de Eva nos anos dolorosos do Paraíso. Por ela Deus continua a criação superior, a do Reino espiritual, a que desenrola sobre a Terra, o lar, a família, a tribo, a cidade. É Eva que

⁶ Esta astúcia feminina, esse ato viril em tomas as decisões, dialogando com o maligno, neste caso a serpente, foi quase sempre interpretado como uma maneira de manter um estereótipo negativo em relação às mulheres não submissas, como assim explica June Singer: “No mito da nossa cultura judaico-cristã, a primeira mulher torna-se ativa por intermédio da serpente. Antes de conhecer a serpente a mulher era passiva e retraída e languidamente desfrutara das delícias paradisíacas da inocência. Antes de Eva, e depois dela, a astúcia da serpente enquanto elemento dinâmico penetra a mitologia de todas as regiões onde existem serpentes” (SINGER, 1990, p. 57).

⁷ Esta dinâmica do bem e do mal neste conto é argutamente explicitada por Maria do Rosário Cunha ao afirmar que Eça, ao articular diferentes registos em “Adão e Eva no paraíso”, “desconstrói o mito e, sem agressividade, amenamente, põe em causa o triângulo de que parte a tradicional visão cristã do homem e do mundo: pecado, sofrimento e redenção” (CUNHA, 2012, p. 95).

cimenta e bate as grandes pedras angulares na construção da humanidade. (p. 249)

Evidentemente, aqui percebemos a mudança de perspectiva na análise da personagem feminina que de auxiliar passiva e lasciva de Adão passa a ser o grande pilar de construção da humanidade, transformando o homem no sujeito inerte da estória, visto que ele segue agora as instruções de Eva, a partir do momento que comeu do fruto saboroso. É justamente “por ela”, por causa dela, que Deus, a força divina maior, quis continuar a criação do mundo. Reverte-se a ideia de culpabilidade incutida nesta figura feminina e que perpassa tantas religiões, dinâmica de condenação explicada assim por Roger Callois:

Eva, através de quem a morte foi introduzida no mundo, é feita de uma costela de Adão. É a primeira mulher, o protótipo de uma raça passiva e inquietante, a criança doente e muitas vezes impura, que as religiões excluem da boa vontade do culto e assimilam ao pecado ou à bruxaria. (CALLOIS, 1988, p. 43)

A narrativa explícita que é justamente esse conhecimento do mundo que levou Eva a ter uma compreensão maior de toda a organização terrestre: “a sábia decisão de Eva é, portanto, hipervalorizada em relação à hipotética atitude animalesca e quase irracional de Adão se este tivesse sido o primeiro a deparar-se com a proposta da serpente” (AMARAL, 2004, p. 344). Em outro momento é apresentada uma Eva que se compadece de um indefeso cachorrinho, mole e trôpego, que Adão queria comer, convencendo o amado a acolhê-lo e, assim, domesticando o primeiro animal. É também Eva que descobre as vantagens e gostosuras das sementes, tornando possível e inventando a lavragem da terra.

Por fim, a narrativa recorre a uma curiosa associação, para demonstrar como a mulher vai perder sua soberania, com o passar de milhares de anos, a sua essência primordial, quer dizer, a sua sabedoria, que se tornará posse masculina: “dentro de umas centenas de milhares de curtos anos, Eva será a famosa Helena e Adão será o imenso Aristóteles” (p. 253). Esta última consideração aponta uma transformação social baseada na evolução das sociedades. Aparece que Eva teria conhecimento, ou intuição suficiente, para compreender algumas teorias evolucionistas e aquilo que alguns sociólogos vão propor e sistematizar décadas mais tarde, como, por exemplo, Aurelia Martín Casares, na

sua obra *Antropologia del Género: culturas, mitos y estereótipos sexuales*, que sintetiza, de forma geral e sumária, o modo como o pensamento antropológico evolucionista marxista divide as sociedades (cf. CASARES, 2008, p. 122):

Selvagismo	Barbarismo	Civilização
Animismo	Politeísmo	Monoteísmo
Desconhecimento da patrilinearidade-matrilinearidade	Matrilinearidade-Patrilinearidade	Patrilinearidade
Matriarcado	Mudança	Patriarcado
Casa como recolha	Agricultura	Comércio/indústria
Promiscuidade	Poligamia	Monogamia
Inferior	Intermédio	Superior

No período do selvagismo, predominam a adoração e o culto ao cosmo e à natureza, o culto às fases lunares, símbolo de fertilidade feminina; já na fase intermédia (o barbarismo), o culto e a adoração ao Deus-Sol apontam a viragem da conceituação e da mística primitivas para uma atitude em que prevalece o homem como dominador da mulher. Ao encontro deste pensamento vai o de Marija Gimbutas, que realça o surgimento, no ano 6000 a.C., no contexto europeu, de formas fálicas femininas, quase como um hermafroditismo ou bissexualidade tendentes, que começam a masculinizar as representações artísticas das deusas ocidentais; a associação entre a imagem feminina (da Grande Deusa) com a masculina (Dionísio) (cf. GIMBUTAS, 1974, p. 152) ajuda a compreender que o predomínio da imagem feminina decaiu para uma imagem hermafrodita a qual, conseqüentemente, desembocou naquilo a que Casares chama de “última fase”, a superior civilizacional. Neste período, o culto a um só deus impera. As religiões judaico-cristãs fundamentam e organizam os seus poderes visando a realização das finalidades do homem. No início desta fase, a mulher ainda possui o poder da fertilização mas é já representada como um ser maléfico (numa interpretação das fases lunares), e por isso deveria ficar sob o controlo e vigilância sociais. Diferentemente do que acontece nas fases do selvagismo e do barbarismo, a gravidez precisa ser controlada porque a descendência familiar é da responsabilidade varonil. É justamente nesta fase que a preocupação com a manutenção financeira da família é tida como primordial e a mulher é o elemento-chave a ser controlado, ideia que ainda não era cogitada pelos povos primitivos do matriarcado, dado que tinham a crença de que a lua sozinha poderia engravidar qualquer mulher. Então, podemos concluir que Eça apresenta, em “Adão e

Eva no paraíso”, a forma matriarcal do feminino que irá decair com o passar de “centenas de milhares de curtos anos” (p. 253). E como se daria esta transformação? O próprio Eça/narrador o diz, ao indicar que Eva seria Helena, de Troia, e Adão, Aristóteles.

Lembremo-nos que Helena de Troia, de descendência divina, filha de Zeus e de Leda, cumpre a função do duplo: por um lado, uma imagem religiosa de uma deusa, assemelhando-se à Afrodite e, por outro, uma bela mulher que desencadeia uma guerra entre gregos e troianos, sendo o seu nome associado a uma “mulher perigosa e leviana” (BACKÉS, 1998, p. 441). Helena, com a sua beleza deslumbrante e cumprindo a função das mulheres primordiais (Eva, Pandora e Lilith), visto se interligar ao divino, torna-se um objeto de disputa entre atores do poder masculino, encarnando em si várias condicionantes negativas, com as quais carregarão muitas outras figuras femininas. Por isso, ela foi vista, segundo Marina Pereira Outeiro, tanto como uma aristocrata habilidosa e uma sacerdotisa prestigiada pela própria deusa que servia, como também foi “considerada prostituta por ousar fazer uma escolha que contrariava o paradigma comportamental feminino estabelecido” (OUTEIRO, 2011, p. 44). Ou seja, Helena carrega em si algumas condicionantes do mito de Eva, mas permanece agora sob a disputa e jogo do poder masculino, tanto dos gregos como dos troianos, cujos grupos, em disputa, condicionam o seu destino. Já Aristóteles, um dos maiores filósofos do mundo pré-helênico, escreveu e obteve conhecimento em torno da matemática, da física, da lógica, da retórica, da zoologia, da música, da literatura, da metafísica e da política. Isto quer dizer que Eça afirma que as mulheres, futuras filhas de Eva, irão perder, gradativa e consecutivamente, a capacidade de domínio do conhecimento quando a sociedade se tornar patriarcal.

Por fim, atentemos em uma importante passagem do conto: “enganas-te se aqui pretendes encontrar a narração do pecado original. Esta é outra história” (p. 269). Esta é, cremos, por excelência, a história da sociedade matriarcal (Eva) que se patriarcaliza na figura de Helena de Troia, demonstrando a evolução dum mundo que vai do primitivo ao simbólico e em confluência com uma natureza exuberante (também essa descrita selvagememente feminina), onde eles coabitam entre animais domesticados e feras. As figuras de Adão e de Eva, pai e mãe da humanidade, irão ocupar, futuramente, espaços diferentes que condicionarão os seus papéis sociais baseados na formação do comportamento dos gêneros. Esse é o feminino primitivo que Eça faz questão de resgatar, demonstrando uma outra possibilidade da função da mulher na sociedade.

Bibliografia

- ABREU, Maria Zina Gonçalves de. **O sagrado feminino: da pré-história à idade média**. Lisboa: Colibri, 2007.
- AMARAL, Andreia. Travessias nos Jardins das delícias: Machado e Eça. **Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas**, Porto, II série, v. XXI, p. 337-349, 2004.
- BACKÉS, Jean-Louis. Helena (e a guerra de Tróia). In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Prefácio à edição brasileira de Nicolau Sevcenko. Tradução de Calos Sussekind, Jorge Laclette, Maria Thereza Rezende Costa e Vera Whately. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Editora UNB, 1998. p. 440-447.
- Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo**. 1 vol. Trad. Sérgio Milliet. Lisboa: Quetzal Editores, 2008.
- CALLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CASARES, Aurelia Martín. **Antropologia del género: culturas, mitos y estereótipos sexuales**. 2. ed. Madrid: Ediciones Cátedra - Universidad de Valência, 2008.
- CUNHA, Maria do Rosário. “Adão e Eva no paraíso” de Eça de Queirós: os “anos dolorosos” do início. **Teografias**, Aveiro, n. 2, p. 89-96, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/teografias/article/view/2383>>. Acesso em: 20 de março de 2016.
- DANTAS, Francisco. **A mulher no romance de Eça de Queiroz**. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.
- GIMBUTAS, Marija. **The God and Goddesses of old Europe (7000-3500 b.C.). Myths, legends and cult images**. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1974.
- MELLO, Cristina. Para uma didáctica do conto queirosiano. Hipótese de leitura de “O defunto” e “Adão e Eva no paraíso”. In: **Congresso de Estudos Queirosianos/ IV Encontro Internacional de Queirosianos. Actas**. Coimbra: Almedina /ILLP, 2000. vol. II. p. 421-431.
- OUTEIRO, Marina Pereira. Divina entre as mulheres: Helena de Troia e a mulher do bronze recente. **Revista Historiador**, ano 4, n. 4, p. 31-45, dezembro de 2011.
- PIWNIK, Marie-Hélène. “Adão e Eva no paraíso”: révisión d’un mythe. In: MINÉ, Elza e CANIATO, Benilde Justo(org.). **150 Anos de Eça de Queiroz. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos**. S. Paulo: Centro de Estudos Portugueses/ Área de Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo, 1997. p. 420-426.
- QUEIRÓS, Eça. **Contos**. Edição organizada por Luiz Fagundes Duarte. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

SANTOS, Carla Machado dos. Ficção, ciência e religião: o imenso processo da ironia no conto “Adão e Eva no paraíso” In: MINÉ, Elza e CANIATO, Benilde Justo(org.). **150 Anos de Eça de Queiroz. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos**. S. Paulo: Centro de Estudos Portugueses/ Área de Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo, 1997. p. 537-541.

SERANI, Ugo. As fontes do conto “Adão e Eva no paraíso”. In: **Congresso de Estudos Queirosianos/ IV Encontro Internacional de Queirosianos. Actas**. Coimbra: Almedina /ILLP, 2000. vol. II. p. 877-884.

SEQUEIRA, Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira. **A Dimensão Fantástica na Obra de Eça de Queirós**. Porto: Campo das Letras, pp. 307-311.

SINGER, June. **Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade**. Tradução de Afono Malferrari. Introdução de Sheldon S. Hendler. São Paulo: Cultrix, 1990.